

Um prefácio de Alfredo Pimenta

Aos dezanove anos escrevi uma espécie de auto de toada vicentina que foi representado na festa do meu colégio, com muitas palmas para os actores, especialmente para o «Cego», que cantou lindamente e nem precisou de fingir, porque o caracterizador lhe tinha pintado os olhos pasmados sobre as pálpebras fechadas.

Na euforia desse pequeno êxito, um dos meus professores — o Dr. Leonardo de Castro — sugeriu-me que publicasse os versinhos.

— Nenhum editor os aceita — disse eu, entre a esperança e o cepticismo.

— Sabe-se lá... — opinou o mestre — Porque não pede a opinião do Dr. Alfredo Pimenta?

Deu-me a direcção do autor de *«Estudos Filosóficos e Criticos»* e eu escrevi-lhe, com as mil cautelas e receios de quem não estava seguro de nada: nem da real valia daquelas trovas de adolescente, nem da possibilidade da sua publicação, nem da reacção do polígrafo ilustre, já com um nome legendário na Literatura Portuguesa. E, dias mais tarde, a minha vaidade inchou como o sapo da fábula, ao ler a animadora resposta do consagrado escritor.

Bem gostaria de dar aqui, em fotogravura, alguns parágrafos desse documento, que me trouxe uma das maiores alegrias da minha vida e testemunha a fina gentileza e humana compreensão de um grande intelectual. Mas já não sei onde pára, na barafunda e dispersão das minhas pobres coisas, durante o terramoto tão brilhantemente desencadeado no Ultramar Português pelos briosos capitães de Abril...

Devidamente autorizado, aproveitei a carta para prefácio da minha estreia literária. E, já com a obra em composição na Imprensa da Universidade de Coimbra, graças ao bom acolhimento do Prof. Joaquim de Carvalho, apanhei um grande susto quando, ao receber as primeiras provas, verifiquei que tinham emendado a ortografia de Alfredo Pimenta, que era a de antes da República, com a fidalguia dos THs, a duplicação de consoantes e os seus esguios SS, muito decorativos na sua queda até quase à linha inferior.

Foi só então que me atrevi a pedir uma audiência ao íntegro historiador de «*Dom João III*». Entrei, a tremer, no austero gabinete do Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em S. Bento, e fui encontrar o temível panfletário, sentado à enorme secretária, cujos três lados exteriores estavam totalmente ocupados por uma impressionante bateria de elementos de consulta rápida, constituída por grandes dicionários especializados, enciclopédias de vários sectores do conhecimento humano e alguns clássicos básicos da Literatura, da Filosofia, da História e da Arte.

Ele levantou os olhos do velho documento que estudava; e eu declinei o meu nome e exhibi o corpo do delicto: a primeira prova do prefácio.

— Fartaram-se de emendar, Senhor Doutor! — balbuciei, arrepiado.

O Dr. Alfredo Pimenta recebeu a prova tipográfica, leu-a com a rapidez característica dos cérebros muito evoluídos e disse, com a maior simplicidade:

— Não vejo nada emendado...

— A ortografia, Senhor Doutor...

— Ah!, bem: actualizaram a ortografia. É o que sempre me fazem. E é um favor. Eu estudei três reformas ortográficas. Depois, desisti. É um assunto com que se brinca demais, só para agradar aos brasileiros. Por isso, deixo o problema às dactilógrafas e aos tipógrafos.

Percorreu novamente o seu texto, eliminou uma suspeita de pleonasma (onde inicialmente escrevera «que oscilamos pendularmente», corrigiu para «que nos consumimos pendularmente, entre a beleza mórbida e a inocência enfadonha») e devolveu-me a prova.

— Pode seguir.

— Segue já hoje. E muito obrigado por tudo, Senhor Doutor!

— Não pense nisso. Quando sai o seu poema?

— Dentro de dois meses, segundo me dizem.

Foi assim que eu conheci pessoalmente um Homem profundamente admirado por muitos, temido por todos os videirinhos da política, da literatura e da arte e ferozmente atacado por alguns, mas que foi, em Portugal, uma das mais fortes personalidades da primeira metade deste século, monárquico convicto e combativo, intelectual de vastíssima cultura, historiador bem documentado, panfletário de argumentação sólida e sempre um exímio cultor da Língua Portuguesa.

Depois, «*A Romaria*» teve um prémio literário. E sobre isso nasceu um equívoco que muito me incomoda e nunca perco a oportunidade de desfazer. É que, na melhor das intenções, gente amiga tem afirmado que eu ganhei um prémio literário em competição com Fernando Pessoa. O que me deixa tremendamente encabulado, porque, no plano literário, ao pé de Fernando Pessoa eu nem sequer existo.

Ora, a verdade é muito diferente. Aconteceu apenas que o Regulamento do Prémio Antero de Quental exigia que as obras concorrentes tivessem mais de cem páginas, que «*A Romaria*» tinha e a «*Mensagem*» não tinha.

Por isso o Júri entendeu que lhe não podia atribuir o prémio regulamentado. Mas declarou que, «*dado o valor excepcional da «Mensagem»*», decidia galardoar o poema de Fernando Pessoa com um Prémio criado especialmente para ele e de igual montante pecuniário.

Perante esta declaração, alguém poderá duvidar de que o primeiro prémio da poesia portuguesa, em 1934, foi concedido à «*Mensagem*» de Fernando Pessoa?

Nem podia deixar de ser assim, porque o Júri do Prémio Antero de Quental, em 1934, era competente e consciente.

Mas também me não custa a acreditar que, admitido o critério de que um pífio condicionalismo de lombada bastava para afastar do prémio regulamentar um dos mais belos poemas de toda a literatura portuguesa, o alto prestígio do prefaciador de «*A Romaria*» tenha chamado a atenção do Júri para os ingénuos versos dos meus 19 anos.

Fevereiro de 1982

Reis Ventura



S. A. Real a Infanta Senhora D. Filipa de Bragança, acompanhada de D. José Ferrão e Manuel Alves de Oliveira, – directores da revista *Gil Vicente* – Dr. Alfredo Manuel Pimenta e João Martins da Costa (Aldão), dirige-se para a igreja da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira para assistir, no dia 22 de Outubro de 1951, às cerimónias de transladação dos restos mortais de Alfredo Pimenta



Aspecto das exéquias celebradas na igreja de Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora de Oliveira, em Guimarães, a quando da trasladação dos restos mortais de Alfredo Pimenta para a capelinha da Madre de Deus.



Aspecto da trasladação dos restos mortais de Alfredo Pimenta da igreja da Insigne e Real Colegiada para a capela da Madre de Deus. Pegam à urna, em primeiro plano, à esquerda, Manuel Alves de Oliveira e à direita Amândio César. Ao lado de Amândio César vêem-se o Dr. Sérgio Pinto e Manuel de Araújo.



A capela da Madre de Deus que guarda os restos mortais do Dr. Alfredo Pimenta